
[Indonésia: violência contra trabalhadoras das plantações de dendê](#)

[\(Disponível em Bahasa\)](#)

As condições de exploração do trabalho na indústria das plantações de dendezeiros na Indonésia são persistentes, e a maioria das principais vítimas é de mulheres. Embora essa situação costume ser ignorada, o processo usado pelo maior produtor mundial de óleo de dendê é muito influenciado por sua existência.

A recorrente história do “sucesso” da Indonésia como maior produtora mundial de óleo de dendê não é seguida realmente por uma história de sucesso semelhante para as trabalhadoras na indústria de plantações de dendezeiros. **As condições de exploração do trabalho na indústria das plantações de dendezeiros na Indonésia são persistentes, e a maioria das principais vítimas é de mulheres.** Embora essa situação costume ser ignorada, **o processo usado pelo maior produtor mundial de óleo de dendê é muito influenciado por sua existência.** As mulheres são responsáveis por 15 dos 16 tipos de trabalho nas plantações de dendezeiros, incluindo a colheita. (1)

As empresas de plantações de dendezeiros contratam trabalhadores permanentes e temporários (informais, terceirizados e diaristas, conhecidos como *kernet*). O setor de manutenção, que inclui o trabalho de pulverização, fertilização e limpeza, geralmente não é considerado como atividade central, de modo que a maioria dos trabalhadores – mulheres em condições precárias – trabalha de forma não permanente. (2)

As mulheres trabalham no setor de manutenção das plantações por muitos anos sem nunca adquirir a condição de trabalhadoras permanentes. Elas enfrentam maiores riscos à saúde por ter contato direto com as substâncias químicas usadas todos os dias nas plantações. Os seus direitos a licenças menstruação e maternidade, exames de rotina, e banheiros e instalações apropriadas para lactação nunca são respeitados pelas empresas. Geralmente, a relação de trabalho não é documentada adequadamente em um contrato por escrito. As informações sobre salários e jornadas de trabalho são fornecidas verbalmente pelo capataz. **As trabalhadoras das plantações de dendê costumam enfrentar injustiça de gênero na forma de marginalização, discriminação, violência e assédio.** (3)

Mulheres grávidas: trabalho ininterrupto para os lucros da empresa

No início de 2019, a ONG indonésia Sawit watch descobriu que **cinco trabalhadoras grávidas – entre um e três meses – sofreram abortos espontâneos em uma plantação de dendezeiros em Kalimantan Central, causados principalmente pelo excesso de trabalho.** “As trabalhadoras grávidas são mantidas em tarefas como capina, adubação, pulverização e coleta de frutos de dendê soltos. São trabalhos pesados. O marido de uma das trabalhadoras grávidas perguntou à direção da empresa se poderiam dar à esposa um período de descanso ou trabalhos mais leves, mas a administração não aprovou”, disse um trabalhador. O sindicato dos trabalhadores da plantação também exigiu que as grávidas não trabalhassem ou que recebessem pequenas tarefas

administrativas, mas a empresa respondeu que tudo já havia sido definido no Escritório Central de Kuala Lumpur, na Malásia.

A licença para menstruação também é complicada, embora, de acordo com as leis trabalhistas da Indonésia, todos os setores e empresas devam proporcionar esse direito a suas funcionárias. Mas não há garantia de que as mulheres o recebam. *“Um médico da empresa disse a uma funcionária que queria obter a licença: Você está falando sério que quer tirar licença menstruação? Não tem vergonha?”*, disse uma trabalhadora.

Mulheres na condição de trabalhadoras informais ou terceirizadas geralmente **não têm boa saúde reprodutiva**. Elas são empregadas para colher cachos de frutas. A meta depende do terreno a trabalhar, conhecido como *Ancak*. Se o *Ancak* estiver em um pântano, a meta é de 1,25 hectare, mas se for em terra, é de 1,5 hectare. As empresas não costumam fornecer equipamentos de proteção específicos para trabalhar em um *Ancak* de pântano, conhecido como *Ancak Rawa*. De acordo com um trabalhador informal, em um *Ancak Rawa*, a água chega à cintura de pessoas adultas, e elas não recebem roupas especiais. ***“Nós só trabalhamos, de manhã até a noite. Metade do nosso corpo, dos tornozelos até a cintura, fica debaixo d’água no pântano. A empresa não fornece roupas especiais, e se nós pedimos, ele vão nos banir e não seremos mais contratadas”***, disse uma funcionária.

A saúde das mulheres a serviço das empresas de dendê

Para as mulheres que trabalham nas plantações de dendezeiros, nunca é fácil acessar serviços de saúde fornecidos pelas empresas, devido à burocracia complicada. Se elas pedem uma licença de saúde, a gerência parece tentar dificultar o processo. Em vários casos, **as mulheres às quais a clínica da empresa já recomendou licença de saúde continuam trabalhando devido a decisões administrativas**.

A empresa PT TN East Kalimantan, com 12.437 hectares, tem uma clínica que atende a toda a propriedade. Segundo informações dos trabalhadores, o procedimento para usar os serviços de saúde é muito burocrático, e a disponibilidade de medicamentos na clínica também é limitada. *“O mesmo remédio é usado para todas as doenças”*, disse um deles.

Em outra plantação de dendê em Sumatra do Norte, as trabalhadoras informais não têm atendimento de saúde. Se ficam doentes, a empresa não cuida de sua condição, e elas não têm direito a licença remunerada. Se não vierem trabalhar, não recebem salário. A situação das trabalhadoras permanentes é diferente, já que suas licenças ainda serão pagas no final do mês. *“Se não trabalharmos, não receberemos nenhum salário. Se adoecermos, ainda assim vamos trabalhar. Além disso, não podemos ir à clínica da empresa porque somos apenas trabalhadoras informais”*, disse uma mulher na plantação de dendezeiros de Sumatra do Norte.

A situação do trabalho informal: razões da empresa para a irresponsabilidade

“Trabalhamos de segunda a quinta com um salário de 106.000 rúpias por dia [cerca de 7,50 dólares]. O máximo que trabalhamos por mês é 16 dias. Limpamos as ervas daninhas, recolhemos frutos de dendê soltos, recolhemos cachos vazios”, disse uma diarista informal em Kalimantan do Norte.

“As trabalhadoras informais às vezes ajudam a fertilizar. Temos que gastar dois sacos de fertilizante por dia (cada saco contém 50 quilos), e isso deve ser gasto no mesmo dia. A hora em que você vai

para casa depende de você, mas primeiro tem que terminar os sacos”, como disse uma delas à Sawit watch.

A empresa PT Agro Kati Lama (PT AKL), que faz parte do grupo de agronegócio belga SIPEF, opera plantações de dendezeiros no sul da ilha de Sumatra. A empresa emprega mais de 1.200 trabalhadoras informais através de seis empresas contratadas (terceirizadas). As mulheres atuam na divisão de manutenção, com um período médio de trabalho de apenas 8 dias por mês. Na maioria das vezes, elas recebem seus **salários diretamente dos capatazes, sem comprovantes de pagamento. O valor do salário é escrito apenas em documentos não oficiais, sem carimbo nem nome de quem paga.** As mulheres contratadas através de terceiros são obrigadas a assinar uma carta declarando que não irão processar por seguro de saúde, feriados religiosos pagos e custos de recuperação em casos de acidentes de trabalho.

Segundo as mulheres, desde que passaram a trabalhar para a PT AKL, nunca receberam equipamento de trabalho ou proteção, tendo que providenciar algo por conta própria. Elas também nunca foram informadas sobre os impactos que o trabalho com pulverizadores e fertilizantes teria sobre a saúde. Com frequência, perguntam quando a empresa poderia fornecer equipamentos adequados, mas nunca obtiveram resposta. Ultimamente, a PT AKL forneceu algum material incompleto e apenas para alguns dos trabalhadores.

Além disso, a empresa não se responsabiliza por acidentes de trabalho. As duas mulheres que sofreram um acidente em 2017 ainda não receberam nenhuma indenização da PT AKL, que transferiu a responsabilidade à terceirizada.

As leis que regem o emprego dentro das plantações de monoculturas na Indonésia não são claras a ponto de exigir proteção trabalhista, principalmente para mulheres. **O governo ainda exerce violência direta contra as mulheres por meio de muitas de suas políticas: expansão das plantações industriais, emprego flexível, e ausência de proteção e descumprimento dos direitos das trabalhadoras no setor de óleo de dendê.**

Embora seja verdade que o governo da Indonésia – maior produtor e consumidor mundial de óleo de dendê bruto – tenha adotado uma política para reconhecer e respeitar os direitos trabalhistas, essa política é aplicada somente em acordos escritos. A Wilmar, por exemplo, lançou um Plano de Ação Corretiva e uma política de proteção infantil para garantir o cumprimento dos direitos trabalhistas; a Golden Agri-Resources, por meio de sua subsidiária SINARMAS Tbk, é uma das signatárias do Pacto Global da ONU (UNGC). Em nível de consumidor, Colgate-Palmolive, Kellogg, Nestlé, Unilever e Wilmar afirmam estar se esforçando para melhorar as condições de trabalho em toda a cadeia de fornecimento de óleo de dendê na Indonésia. Porém, os fatos mostram que **milhares de trabalhadores da indústria de plantações de dendezeiros, principalmente mulheres, são empregados em condições muito precárias, enfrentando discriminação em um ambiente de trabalho perigoso.**

Zidane

Sawit watch, Indonésia, <http://sawitwatch.or.id/>

(1) [Investigação de Sawit watch](#)

(2) Guy Standing, “[The Precariat](#)”, 2011. *The New Dangerous Class* afirma que a condição de Precariado se refere a ausência de emprego permanente garantido, proteção contra a demissão arbitrária, garantia de proteção contra acidentes de trabalho ou doenças causadas pelo trabalho,

indisponibilidade de informações de segurança e saúde, falta de oportunidade para desenvolver mais habilidades e conhecimentos através de estágios, treinamento para aprimorar competências, salários mínimos e ausência de seguridade social. O precariado também não tem garantia de direitos de cidadãos, incluindo participar de associações. Alguns tipos de emprego precário envolvem todas as formas de trabalho indesejável, incluindo o mal remunerado, sem benefícios (saúde, aposentadoria, gratificações, etc.), trabalho extra involuntário, em condições perigosas, bem como no setor informal.

(3) Ver artigo do Boletim do WRM de março de 2018, [Indonésia: exploração de mulheres e violação de seus direitos nas plantações de dendê](#), Zidane, Sawit watch.